

**LITERATURA POPULAR E BIBLIOTECA: CORDEL E *PENNY DREADFUL* COMO FONTES DOCUMENTAIS PARA INFORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL**

***POPULAR LITERATURE AND LIBRARY: CHAPBOOK AND PENNY DREADFUL IN THE LIBRARY AS DOCUMENTARY SOURCES FOR HISTORICAL-CULTURAL INFORMATION.***

**Fabício Alves da Silva**  
**Bibliotecário**

**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Oeste do Pará (SIBI-Ufopa)**  
***falvesalki@gmail.com***

**Williams Jorge Correa Pinheiro**  
**Mestre em Serviço Social**  
**Professor da UFPA**  
***wjcp@ufpa.br***

**Resumo**

As expressões culturais e artísticas impressas nos folhetos baratos da literatura popular têm o poder de tornar notória a identidade e a cosmovisão dos atores envolvidos no processo de construção de uma determinada sociedade. Nesse sentido, o presente artigo apresenta uma análise das manifestações literárias de origem popular, ao considerar os folhetos de cordel brasileiros e os *penny dreadfuls* de origem inglesa como fontes de informação histórico-culturais, bem como tornar conhecida a importância de tais obras e a necessidade de tê-las incorporadas aos acervos de bibliotecas. Para tal, foram elaboradas, valendo-se dos métodos descritivo e comparativo, análises que confrontam as semelhanças e as peculiaridades desses dois tipos de manifestação literária de origem popular. Observou-se por meio da literatura consultada que no decorrer da História, cordel e *penny dreadful*, converteram-se em meios facilitadores para o acesso das massas à cultura escrita, o que contribuiu para a transformação do gênero literário popular em um amplificador para as múltiplas vozes criativas de indivíduos e coletividades socialmente desprivilegiados e inseridos em realidades extremamente desiguais. As bibliotecas têm a responsabilidade de preservar, organizar e disseminar essas fontes documentais de informação para facilitar o acesso a tais obras a fim de fazer manifesta a pluralidade das vozes sociais.

**Palavras-chave:** Literatura Popular. Literatura de Cordel. *Penny Dreadful*. Fontes de Informação.

**Abstract**

*The cultural and artistic expressions printed on the cheap leaflets of popular literature have the power to make known the identity and worldview of the actors involved in the social construction process. In this sense, this paper presents an analysis of literary manifestations of popular origin, considering the Brazilian chapbook and the penny dreadfuls of English origin as sources of historical-cultural information, making known the importance of such works and the need for those incorporated into library services. In this work, the analysis were made using the descriptive-comparative method, which show in a comparative way, particular aspects of these literary manifestation types, both similarities and peculiarities are possible to find on them as facilitating means for the masses to access written culture, in addition to identify them as amplifiers for the multiple creative voices of socially disadvantaged communities and inserted in extremely unequal realities. Libraries are responsible to preserve, organize and disseminate such documentary information sources in*

*order to facilitate access to works like Chap-book and Penny Dreadful to make the multiple voices out louder.*

**Keywords:** Folk Literature. Chap-book. Penny Dreadful. Information Sources.

## 1 INTRODUÇÃO

O ofício da escrita subsiste em meio às variadas formas de arte através das quais o homem se vale para comunicar seus anseios, incertezas e descobertas. Cartas, telegramas, jornais, livros, revistas, correio eletrônico e redes sociais conectam os relacionamentos humanos através do jogo das palavras, independente do suporte usado para transmissão da mensagem desejada.

No passado, as bibliotecas foram idealizadas como palácios culturais, os quais tinham por função serem depositários de informações contidas em documentos cujo o acesso era restrito aos nobres. Nesse ambiente, os bibliotecários eram tidos como guardiões responsáveis pela salvaguarda de acervos de valor inestimável. Com o passar dos séculos, houve um aumento exponencial da busca por informação por parte das sociedades que passaram a exigir seu direito de acesso às informações que antes lhes foram sonegadas, esse fenômeno deu origem ao corpo social contemporâneo: a Sociedade da Informação — guardecida dos direitos conquistados mediante longos debates na esfera pública — que passou a reivindicar com avidez por velocidade, praticidade e transparência, o acesso ao conteúdo dos documentos informacionais que no passado eram encobertos.

Para composição dos acervos de bibliotecas se faz necessária a incorporação de obras produzidas pelos atores sociais, e na maioria dos casos as obras encontradas em bibliotecas são as concebidas pela elite cultural ou seguem padrões rígidos que nem sempre são assimilados pelas camadas menos privilegiadas das sociedades. Isso não quer dizer que o cidadão socialmente vulnerável, em seu anonimato e dentro de suas possibilidades criativas, não produza arte literária digna das estantes e dos leitores de uma biblioteca, seja ela especializada, universitária ou pública.

Com base nesse pressuposto, o presente artigo aborda dois tipos de produção literária popular: o cordel e o *penny dreadful*. Figuram como cordel todos os folhetos da literatura popular impressos em papel simples e vendidos a preços módicos no Brasil desde o fim do século XIX, os folhetos receberam esse nome pelo fato de serem vendidos pendurados em cordas nas feiras populares brasileiras. Marcada por rimas, a literatura de cordel tem uma forte influência da oralidade e apresenta narrativas sobre a labuta e as desventuras do homem do campo, dentre outros trabalhadores de baixa renda do Brasil.

Já os *penny dreadfuls* — remontam a histórica Londres em plena agitação vitoriana (século XIX) — eram publicações periódicas ilustradas e baratas, feitas em papel de baixa qualidade, destinadas a classe operária e demais cidadãos que não possuíam recursos financeiros para investir na compra de livros. Histórias sombrias e hediondas, fortemente influenciadas pelo gênero gótico, alçaram os folhetos ao sucesso editorial. Pelo fato de custarem um centavo, os folhetos foram batizados “*penny dreadfuls*” que numa tradução livre significa “centavo para o terror”.

Se a literatura popular carrega consigo uma profusão de informações valiosas referentes a história e a cultura de um povo, por quais motivos ela raramente é encontrada em bibliotecas? A partir deste problema de pesquisa, nasce a necessidade de se analisar e expor os processos criativos da literatura popular em folhetos de cordel brasileiros e nos *penny dreadfuls*; sua concepção; suas características editoriais e estéticas; seu papel social para a manutenção da identidade coletiva de um determinado grupo; bem como a sua relevância para o pesquisador estudioso da cultura; o leitor comum em busca de passatempo e demais usuários potenciais de uma determinada comunidade.

Portanto, o objetivo geral deste artigo é refletir sobre a literatura oriunda das classes sociais subalternas ao abordar o cordel e o *penny dreadful* como fontes documentais de informação histórico-cultural a serem difundidas em bibliotecas. Já os objetivos específicos são: a) explicar as razões pelas quais a literatura popular é subvalorizada e pouco presente nas bibliotecas; b) descrever e comparar características dos dois tipos de folheto da literatura popular.

## 2 METODOLOGIA

Apresenta um estudo descritivo/comparativo de cunho bibliográfico onde serão qualitativamente identificadas, analisadas e correlacionadas: a literatura brasileira de cordel e os contos ingleses *penny dreadfuls*. Para esse fim, fez-se uma revisão dos principais autores que estudam essas manifestações da cultura escrita.

Para que se compreenda a respeito da riqueza que os escritos populares trazem consigo, a descrição comparativa será feita a partir de aspectos inerentes aos dois formatos de literatura abordados no artigo e detectados durante a pesquisa, sendo eles: o contexto histórico e social; as influências do meio e o impacto na cultura; os principais personagens; as características editoriais; a transposição de gêneros e suportes, que ocorre quando a tradição literária popular influencia outros tipos de expressão artística.

No que diz respeito ao cordel, foi encontrada uma vasta bibliografia em fontes secundárias, como: livros de especialistas e periódicos no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). Quanto aos *penny dreadfuls*, pouca literatura foi encontrada em língua portuguesa e por isso fez-se necessário traduzir, do inglês para o português, artigos e matérias jornalísticas de autores diversos, disponíveis nos sites da *British Library* e do jornal/diário inglês *The Guardian*, como também capítulos específicos de três livros escritos pela autora especializada em cultura e literatura vitoriana, Judith Flanders, a qual teve artigos derivados de seus livros publicados no portal virtual da biblioteca britânica.

Para o desenvolvimento da análise sobre o cordel, foram consultadas, principalmente, a obra *Retrato do Brasil em Cordel* de Mark Curran, especialista em língua portuguesa e estudos brasileiros da *Arizona State University*.

## 3 AS ORIGENS: ORALIDADE, ESCRITA E BIBLIOTECA NA TRADIÇÃO LITERÁRIA POPULAR

O homem, desde os primórdios, procurou meios de perpetuar a tradição e os costumes adquiridos através das experiências que vivenciava diariamente com seus semelhantes e com a natureza, isso possibilitou o desenvolvimento de engenhosas formas de expressão que lhe permitiram comunicar sua herança cultural às gerações posteriores e foi através da oralidade que foram repassadas as histórias sobre a origem da vida, dos deuses, dos astros, dentre outros aspectos gerais da condição humana.

O dever de preservar a identidade cultural pesava sobre os ombros da humanidade, isso despertou nas sociedades a capacidade de transmitir para além da oralidade seus costumes e descobertas, pois “a conservação da memória supre a necessidade de tradição, afastando o medo da perda de memória, medo de amnésia coletiva” (CAMPELLO, 2006, p. 5). Diante disso, surge a escrita, que até os dias atuais, constitui-se como a forma mais eficaz de se preservar a memória, seja ela individual ou coletiva.

Dentre os variados suportes documentais utilizados no decurso da História, observa-se que o livro foi o que melhor desempenhou esse papel de preservação informacional e cultural, sendo assim, até o início do século XXI, a prática da leitura era estritamente ligada ao ato de ler livros, porém, esses livros não eram objetos acessíveis e possuí-los, até os dias atuais, é um sinal de prestígio social e um privilégio para poucos (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 17).

Ler livros era uma regalia das elites por disporem de dinheiro e tempo para possuí-los e usufruir de seus conteúdos. Naturalmente, os cidadãos de baixa renda não tinham condições financeiras, tempo ou letramento para ter igual acesso às mesmas obras que as elites consumiam, em função disso, novos formatos de livro, que abordavam assuntos diversificados, começaram a ser publicados e atingir públicos variados, permitindo assim o surgimento de novas formas de expressão literária, originadas a partir do contato das massas com a leitura.

Foi nesse cenário histórico, final do século XVIII e início do século XIX, que o interesse dos intelectuais europeus por cultura popular aumentou, os “camponeses decerto ficaram surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas de classe média que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas estórias” (BURKE, 2010,

p. 30). Assim a cultura popular foi “redescoberta” e o aumento do número de alfabetizados permitiu que o cidadão comum, sem muitos recursos financeiros ou com pouco estudo, também pudesse criar, escrever e publicar suas próprias obras literárias.

Nesse contexto, a literatura popular entrou em cena e seu foco estava voltado para a realidade vivida pelo povo. Permeada por simbologias e mitos, detém-se não só em temas folclóricos, como também transforma notícias reais em histórias ficcionais e desperta a curiosidade de leitores ávidos por entretenimento que lhes seja acessível e representativo, algo com o que possam se identificar e assimilar com facilidade.

Os escritos literários de origem popular são o resultado da fusão de referências literárias clássicas com mitos e lendas do folclore, provindos da tradição popular universal, é o que afirma Tavares (2014):

Um imenso caldeirão de ideias, histórias, imagens, falas, temas e motivos. Todos trazem a contribuição de seu talento individual, mas cada um vê a si próprio como apenas um a mais na linhagem de pessoas que contam e recontam as mesmas histórias, pintam e repintam as mesmas cenas, cantam e recantam os mesmos versos. Histórias, cenas e versos são sempre os mesmos, por força da Tradição, mas são sempre outros, por força da visão pessoal de cada artista (TAVARES, 2014, p. 179).

Os escritos populares tiveram que enfrentar a crítica dos eruditos que os rotulavam com o *status* de subliteratura, pois “exercer domínio sobre a memória e o esquecimento tem sido o objetivo de indivíduos, grupos e classes dominantes e as coleções preservadas refletem o processo de manipulação da memória coletiva” (CAMPELLO, 2006, p. 4), essa manipulação da memória é comandada pelos grupos hegemônicos que escolhem as produções informacionais e/ou culturais a serem preservadas e as que podem ser esquecidas ou ignoradas.

As camadas sociais excluídas também produzem seus bens culturais, contudo, na maioria das vezes, eles não são encontrados nos espaços públicos responsáveis pela disseminação da cultura. Quem são os excluídos de uma sociedade? “Excluídos são aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido ou conservado” (CANCLINI, 1997, p. 205), dessa forma, a literatura popular é uma manifestação da cultura, da voz e da luta dos atores sociais esquecidos no processo de conservação memorial.

Apesar da popularização e do barateamento dos impressos, tomando por exemplo a literatura de *colportage* — original da França — que surgiu durante o Antigo Regime (século XVII) e pode ser compreendida como “um conjunto de textos escritos para as classes populares, que modelou e exprimiu uma mentalidade rural e impôs aos seus leitores a submissão do ensinamento cristão e às regras sociais” (CHARTIER trad. BURLAMAQUE, 2005, p. 105), contudo, a literatura de *colportage* consistia em obras letradas, impressas e vendidas a um preço acessível aos mais pobres, porém seus conteúdos continham uma linguagem inacessível, sendo assim, muitos indivíduos continuaram alienados à experiência da leitura, alguns por falta de tempo, outros por falta de dinheiro ou alfabetização. Essa lacuna foi preenchida pelas bibliotecas públicas que entram em cena para proporcionar à sociedade o direito de acesso aos livros e à cultura escrita.

Uma das principais consequências sociais da invenção da escrita e de suportes de baixo custo, duráveis e portáteis, para os registros escritos, foi a formação de coleções desses registros. Coleções que viriam a ser conhecidas pelo nome de bibliotecas. Assim, as bibliotecas têm uma origem muito antiga. Sua sobrevivência como instituição, adaptando-se às mudanças políticas, sociais e tecnológicas, por si só, seria suficiente para deixar evidente que lhe cabe desempenhar uma importante função, embora essa função nem sempre alcance pleno reconhecimento em todas as sociedades, por razões de ordem histórica e cultural (LEMOS, 2008, p. 101).

É através das bibliotecas que o acesso à informação será democratizado, apesar de continuarem sujeitas ao *modus operandi* das sociedades e seus mecanismos de manutenção do poder, é o que afirma Brayner:

A biblioteca é o lócus privilegiado da forjatura dessa história-testemunhal, não apenas por se tratar de um equipamento destinado a coletar e a disseminar narrativas múltiplas, mas também por estar empenhada em invisibilizar vozes consideradas impróprias ou inadequadas ao poder vigente, silenciando, total ou parcialmente sujeitos e coletividades (BRAYNER, 2018, p. 23)

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 172) definem fontes de informação como: “origem física da informação, ou lugar onde pode ser encontrada. Tanto pode ser uma pessoa, como uma instituição ou um documento”, dessa forma os escritos populares se enquadram nessa definição, pois são registros documentais nos quais o patrimônio, a história e a cultura estão preservados em forma de texto literário.

Na atualidade, os estudiosos da cultura popular enfrentam a dificuldade de não encontrarem produções literárias de origem popular nos acervos das bibliotecas, o que dificulta a realização de estudos sobre o tema, Casa Nova (1982) nos fala da função dos folhetos e da necessidade de encontrar o cordel nas bibliotecas brasileiras e sua importância para a realização de pesquisas:

Não é só de magia e fantástico que vive a produção artística-rural. Ela vive e sobrevive como meio de troca de informação, substituindo o jornal muitas vezes, que pelo preço e tiragem não é acessível ao bolso do homem do campo; além de propiciar seu prazer/lazer. Hoje, quando a biblioteca se volta para as regiões periféricas das grandes cidades, e os projetos de educação popular estão aí presentes, continuar vendo o cordel como folclore tão somente, ou como sub-cultura é declarar o desconhecimento da variedade de expressão, e o pensar existente dos extratos dominados (CASA NOVA, 1982, p. 8).

Já os *penny dreadfuls* são considerados inauguradores da ficção de massa e “ponto de partida para trabalhos crítico-teóricos que perpassam a literatura, a sociologia, a psicanálise e os estudos culturais” (SALLES, p. 12). Logo, a preservação e a disseminação desses folhetos são de suma importância para o desenvolvimento de pesquisas em diferentes áreas. Dessa forma, o bibliotecário, um agente disseminador dos bens informacionais, é responsável pela mediação e resgate dessa literatura, através da qual é perpetuada a identidade e a memória coletiva de um povo.

## 4 RESULTADOS

Serão indicados nas seções posteriores os resultados da análise comparativa entre os dois formatos de literatura popular, bem como as convergências e as divergências que ambas apresentam quando defrontadas.

### 4.1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

Nesse aspecto serão comparados os contextos históricos e o ambiente social nos quais surgiram os tipos populares de literatura que serão discutidos, a começar pela literatura de cordel, que é uma das mais antigas manifestações da literatura popular mundial, pois já era vendida a preços baixos em feiras da Europa medieval, entre os séculos XI e XII, até então a literatura era recitada oralmente por menestréis viajantes que criavam e recitavam histórias em locais públicos. Os menestréis eram verdadeiros andarilhos que relatavam histórias da região que habitavam, “feitos heroicos de seus ancestrais e notícias sobre reinos distantes” (GRILLO, 2015, p. 29), dos quais tomavam conhecimento através dos casos que lhes eram contados.

Com o passar dos anos, o ato de imprimir folhetos de cordel espalhou-se por toda a Europa, e posteriormente tomou as colônias comandadas pelas grandes potências imperialistas mundiais. Quanto à sua presença no Brasil, o cordel é “herança da colonização portuguesa que carrega consigo [...] a simplicidade do povo nordestino, tendo iniciado timidamente desde os séculos XVI e XVII, assumindo sua forma definitiva no fim do século XIX” (CURRAN, 1991, p. 570). O cordel brasileiro ganhou autonomia ao se desprender dos padrões europeus e ser adaptado pelos cordelistas nacionais à realidade vivida pelo povo do Nordeste.

Um dos aspectos sociais fortemente presentes e determinantes para o desenvolvimento do cordel como expressão artística é a localização geográfica do Nordeste, região que enfrenta longos períodos de seca. A seca representa não só um problema climático, também é uma mazela social que atinge os sertanejos e os força a deixar suas terras e partir para outras localidades do país, especialmente em busca de emprego, para que possam viver dignamente longe das intempéries do sertão.

As migrações foram constantes durante todo o século XX, por isso os poetas populares também migraram e é devido a isso que também se produziu folhetos de cordel na região Amazônica, “pois eram nordestinos todos os seringueiros recrutados no final do século XIX e de novo durante a Segunda Guerra Mundial” (CURRAN, 2011, p. 16); como também podiam ser encontrados nos centros industriais de São Paulo e do Rio de Janeiro que receberam centenas de migrantes em busca de trabalho, e “a partir de 1960, até em Brasília, a nova capital, construída, em sua maior parte, com mão de obra nordestina” (CURRAN, 2011, p. 16). Dessa maneira, a nação brasileira como um todo – sua geografia, seus costumes, seus problemas políticos e sociais – passou a ser representada nos folhetos, não apenas a Região Nordeste.

Do outro lado do mundo também surgiram, assim como no Brasil, tipos populares de literatura impressa em meio ao caos dos centros urbanos industrializados: a exemplo dos *penny dreadfuls* da era vitoriana (1837-1901), tempo este que foi marcado pela industrialização e transformou vários aspectos da vida dos britânicos.

Como no caso do cordel, a migração também colaborou para a popularidade dos *penny dreadfuls*, uma vez que, o êxodo rural contribuiu diretamente para a superpopulação da capital inglesa e a proliferação dos subúrbios, o que fez com que a criminalidade e a miséria se multiplicassem em decorrência da migração em massa de pessoas – em busca de emprego – da zona rural para os centros urbanos industrializados, a população da Inglaterra subiu de 8,9 para 32,5 milhões durante o século XIX, o que fez com que Londres, em 1851, tivesse uma população de 3,5 milhões de pessoas (SALLES, 2015, p. 21). Nesse cenário os *penny dreadfuls* passaram a retratar as mazelas da sociedade inglesa.

#### 4.1.1 Aspecto comparado

O cordel é uma das poucas marcas da tradição que ainda resistem no Brasil, mesmo que sua produção na atualidade seja menor que em seus tempos áureos. Os folhetos, até os dias atuais, continuam a trazer consigo a voz do povo em forma de poesia, resgatando o imaginário, as crenças e a tradição da população brasileira – que têm se perdido por entre a fluidez do mundo moderno – e o descontentamento com a realidade miserável em que se encontram determinadas comunidades, desde o sertão até os subúrbios dos grandes centros urbanos.

Foi em um contexto semelhante – o fluxo migratório e a busca por empregos no centro urbano – que o *penny dreadful* surgiu, e através da literatura de massa, o povo ganhou visibilidade numa sociedade altamente segregada e desigual. Apareceram novos escritores, e editoras que contratavam pessoas dos subúrbios – lugar onde viviam os bons contadores de histórias e conhecedores da tradição. Também surgiu um novo público leitor, formado por pessoas desprivilegiadas socialmente, que encontraram nos folhetos um retrato da realidade que viviam e vislumbraram com esperança a possibilidade de preservação da própria identidade cultural.

#### 4.2 INFLUÊNCIAS DO MEIO E IMPACTO NA CULTURA

Tanto o cordel, como o *penny dreadful* receberam influências do ambiente no qual estavam geograficamente inseridos e “imprimiram” suas marcas na cultura local, esse é o aspecto que será discutido a seguir.

O cordel representa o caldeirão do sincretismo religioso brasileiro; o Brasil é um país multicultural e uma das formas mais nítidas pela qual se pode perceber esse pluralismo cultural é através das manifestações religiosas de seu povo. Conhecido por ser o maior país católico do mundo, caracteriza-se também pelas manifestações variantes das religiões afro-brasileiras, frutos do contato do catolicismo dos brancos com a fé dos escravos.

Persistem no Brasil de hoje, as religiões africanas tradicionais, como o candomblé e o Xangô do Nordeste, assim como as derivadas, como é o caso da umbanda, mais conhecida no Rio

de Janeiro e o espiritismo kardecista; “o resultado de tudo isso é uma mistura de crenças católicas, africanas e nativas, para somar, entram em cena, a partir de 1880, o fundamentalismo das seitas protestantes e os fortes movimentos pentecostais” (CURRAN, 2011, p. 21).

Apresentados desta forma, os folhetos de cordel – pelo fato de abordarem conceitos e construções culturais da religião cristã – passaram a substituir a leitura da Bíblia, pois a linguagem usada pelos poetas era de fácil compreensão e as rimas facilitavam a retenção dos relatos das Sagradas Escrituras, sendo assim, o cordel viabiliza um tipo mais eficaz de comunicar a fé aos fiéis, valendo-se da poesia popular.

A literatura de cordel transforma notícias diárias do jornal em matéria prima para a construção dos versos rimados impressos nos folhetos, da mesma forma acontece no *penny dreadful*: das páginas dos jornais para as páginas dos folhetos, os crimes, as execuções, e os assassinatos que ocorreram durante o reinado da rainha Vitória chocaram e despertaram criatividade e curiosidade nos escritores e leitores aficionados pela morbidez daqueles tempos.

Pesquisando em jornais, folhetos de literatura barata e nas obras de Dickens, Judith Flanders explora como o crime no século XIX, serviam de entretenimento tanto na ficção como na vida real e relata que os “folhetos sangrentos” eram destinados àqueles que não tinham um tostão, “a literatura pendia nos pubs e casas de café para serem lidos pelos clientes enquanto bebiam. Também estava nas vitrines das lojas, frequentemente atraindo multidões de crianças sanguinárias” (FLANDERS, 2013, p.18, tradução nossa).

#### 4.2.1 Aspecto comparado

Para fechar a análise deste aspecto, reitera-se que o cordel aborda a religião e os diferentes tipos de fé existentes no Brasil, adapta histórias bíblicas e dos noticiários, da mesma forma, o *penny dreadful*, ao trazer das páginas dos diários policiais a essência da notícia diretamente para as suas histórias, completa o ciclo da tradição literária popular: a apropriação de diferentes estilos textuais para a construção de um novo gênero literário, voltado para o entretenimento dos que não possuem tantos recursos – financeiros ou linguísticos – para investir em obras literárias de maior sofisticação.

#### 4.3 CARACTERÍSTICAS EDITORIAIS

Nesta seção será analisada a editoração tanto no cordel, como no *penny dreadful*. Era nas tipografias de jornal que os folhetos de cordel eram impressos ou em gráficas que faziam serviços variados e foi a partir de 1918 que a impressão de folhetos passou a ser feita nas tipografias de poetas populares. Na tipografia, o dono era o mestre, um poeta que mantinha ao seu redor seus aprendizes: jovens poetas sem recursos que em alguns casos cediam os direitos de publicação ao editor, que por sua vez publicava o cordel em seu nome, seguido do termo “editor proprietário” (GRILLO, 2015, p. 103).

A preocupação com a propriedade intelectual dos folhetos é um tema discutido atualmente por pesquisadores interessados na literatura de cordel, pois no passado, o conceito de direito autoral era confundido com direito de propriedade.

Quando havia fatos de grande repercussão, dava ensejo de se escrever o folheto rapidamente. Reuniam-se os poetas da folheteria e era dado o tema. A melhor estória era a publicada. Mas, às vezes, o dono-mestre fazia uma espécie de compilações e acrescentava seus versos, publicando o folheto em seu nome. [...] Outras vezes, ele comprava os direitos de publicação de um poeta popular e a publicava em seu nome. Pagou, é autor. João Martins d’Athayde, apesar de bom poeta, fez muito isso. Daí ter os quase 4.000 títulos publicados. Outro editor e poeta, Olegário Pereira Neto, de Fortaleza, chegou a colocar este aviso na contracapa do romance ‘O Amor de Emília e a Ingratidão de Eduardo’ por ele publicado: ‘Ninguém se admire da minha firma nos livros de Luis da Costa Pinheiro porque comprei e registrei’ (MAXADO, 2012, p. 55).

A mais famosa das editoras de cordel foi a *Typografia Popular Editora*, que em 1923 “contava com três pelros: um manual e os dois outros movidos a pedal, e com alguns funcionários:

três tipógrafos, três impressores encadernadores, que recebiam por dia, e auxiliares de encadernação, que recebiam por tarefa realizada” (GRILLO, 2015, p. 111).

A produção do cordel nas tipografias era metódica, seu processo era dividido em etapas cuidadosamente executadas pelos profissionais responsáveis que observavam o texto e tinham o cuidado de imprimi-lo da forma como foi escrito pelo autor e nada podia ser alterado sem a permissão deste, “os manuscritos eram arquivados para evitar reclamações posteriores” (TERRA, 1983, p. 26).

Um detalhe especial do cordel é o desenho pitoresco que ilustra a capa e manifesta a inventividade que permeia estas obras da literatura popular, para tal usa-se a técnica da xilogravura (gravura impressa a partir de uma matriz em madeira), que na década de 1970 e 1980 foi um dos principais motivos que alçaram o cordel à moda entre as classes média e alta do Brasil, graças a isso, os cordéis e a expressividade rústica dos traçados que ilustravam suas capas, tornaram-se conhecidos no mundo das artes plásticas (CURRAN, 2011, p. 16).

Já os *penny dreadfuls*, como relata Flanders (2014, tradução nossa), foram surpreendentemente bem-sucedidos, criando um vasto público novo e entre 1830 e 1850 havia até 100 editores especializados nos folhetos, que se desenvolveram como um subgênero do romance, diferente do cordel que usa versos, o *penny dreadful* apresentava duas colunas de texto em prosa nas 16 páginas (na maioria das vezes), contendo ilustrações em preto e branco.

O mais bem-sucedido dos folhetos e o que poderia ser a série mais bem-sucedida que o mundo já viu, *Mysteries of London* – que está disponível para acesso online em sua totalidade<sup>1</sup> – apareceu pela primeira vez em 1844, escrito por G.W.M. Reynolds. Baseado em um livro francês, mas logo tomou vida própria, abrangendo 12 anos, 624 números e quase 4,5 milhões de palavras; em vez de bandidos, esta série era muito mais próxima da vida de seus leitores, contrastando o terrível mundo das favelas com a vida decadente dos ricos inconsequentes (FLANDERS, 2014, tradução nossa).

Como no caso do cordel, centenas de *penny dreadfuls* levaram nas capas o nome dos editores, mesmo estes não sendo autores de tais obras. As editoras empregavam “um pequeno grupo de hack writers – escritores anônimos ou sob pseudônimos – incrivelmente prolíficos, cujos nomes eram raramente divulgados, para dar conta de tantas séries” (SALLES, 2015, p. 105), dessa forma, editores tornaram-se os únicos a quem se pode creditar a autoria de incontáveis folhetos *penny dreadfuls*, pois muitas editoras mantinham esse costume de não divulgar o nome dos responsáveis pelas obras, neste ponto o *penny dreadful* se assemelha ao cordel quanto aos direitos de propriedade intelectual usurpados ou comprados pelas editoras.

Outra característica do *penny dreadful* semelhante ao cordel é a xilogravura, que aparece na capa e em momentos de maior tensão no enredo, as xilogravuras dos *penny dreadfuls* apresentam ilustrações mais sofisticadas, uma vez que os livreiros europeus já se valiam desta técnica desde os tempos medievais, nos quais livros e iluminuras eram feitos manualmente.

#### 4.3.1 Aspecto comparado

Tanto os folhetos cordelinos quanto os *penny dreadfuls* são modestos em seus suportes físicos, o que não subtrai deles a beleza estética de suas gravuras e o encanto que os versos rimados ou o enredo em prosa de fácil assimilação exerce sobre os leitores, seja ele pesquisador ou mais um curioso em busca de diversão e entretenimento. As páginas frágeis de papel nos apresentam curtas e longas histórias com personagens e tramas bem desenvolvidas, isso por se só já confere aos folhetos o título de arte popular, para a qual tempo e criatividade foram dedicados, a fim de conceber e confeccionar objetos artísticos para o deleite dos leitores populares.

#### 4.4 OS PRINCIPAIS PERSONAGENS

É nesse aspecto que cordel e *penny dreadfuls* mais se assemelham, pois, a tradição popular incorpora e recria personagens preexistentes no universo da literatura; dessa forma, ambos bebem na fonte dos clássicos. Ao ler estas histórias populares o leitor encontra – assim

---

1 Disponível em: <http://www.victorianlondon.org/mysteries/mysteries-00-chapters.htm>

como em literaturas mais sofisticadas – a figura do herói protagonista, seus seguidores e admiradores, em contrapartida nos é apresentado o vilão antagonista e seus fiéis correligionários, desta maneira, através da literatura popular, os poetas e escritores repassam uma mensagem moral que acabará por influenciar o leitor, já este irá se apropriar dos relatos e terá liberdade para fazer associações da ficção com a realidade na qual está inserido e assim ressignificar a ideia original. É dessa forma que se desenvolve a criação literária popular: partindo das múltiplas influências narrativas de um “caldeirão” de autores.

No cordel, temos o retirante como principal herói na luta contra uma inimiga abstrata, porém vigorosa: a seca, que traz em sua companhia a fome, a miséria e um destino incerto para o sertanejo expatriado. As adversidades encontradas pelo retirante em sua jornada são apresentadas na métrica dos poetas que rimam detalhadamente o martírio do herói, seus familiares, amigos e conterrâneos que esperançosos buscam novos horizontes e melhores oportunidades de vida na cidade grande, contudo eles não se esquecem do sertão, pelo contrário, todos rezam pedindo por chuvas e ventos que os tragam de volta ao ponto de onde partiram; é principalmente nesse molde que o aspecto heroico se apresenta no cordel.

Depois do retirante, logo podemos identificar a figura do anti-herói tradicional, um tipo de heroísmo muito presente na tradição literária europeia, este tipo de personagem heroico não apresenta os atributos do herói clássico, é o que afirma Curran (2011, p. 123): “esta figura é o herói do povo comum; é pobre, mas inteligente e muito prevenido, sobrevive graças à sua esperteza, dizem alguns que este está poucos passos atrás do diabo”.

Entretanto existe um molde incomum de anti-heroísmo no cordel: o cangaceiro; este paira entre o banditismo e o heroísmo, suas atitudes são apresentadas como heroicas e combativas e trazem consigo um forte senso de justiça social, é o que afirma Grillo (2015, p. 164): o banditismo social é encarado pelos poderosos como prática criminosa, “porém o cangaceiro é visto por sertanejos e cidadãos pobres como paladino da Justiça e, por essa razão recebe o apoio daqueles que representam para poderem os libertar da opressão a qual estão expostos”, ou seja, ainda que violento e sanguinário, o cangaceiro se torna herói para os grupos por ele defendidos.

Os *penny dreadfuls* também nos apresentam os anti-heróis e bandidos da sociedade inglesa, seja figurativa ou literalmente. O primeiro *penny dreadful* de que se tem notícia, conforme Flanders (2014, tradução nossa) foi “*Lives of the Most Notorious Highwaymen*, datado de 1836 e se tornou um dos favoritos do público”. Essa história apresenta o arquétipo do *highwaymen*, que numa tradução livre significa “salteador de beira de estrada”, esse tipo de personagem do *penny dreadful* se assemelha ao cangaceiro no cordel, pois estes também eram vistos como justiceiros sociais que combatiam as forças aristocráticas, libertando os pobres e marginalizados da opressão impingida pela coroa britânica e pelos ricos.

Outro tipo de personagem marcante dos *penny dreadfuls* é o *serial killer*, um modelo “sugado” diretamente das páginas policiais para a literatura de massa vitoriana. O *serial killer*, na maioria das histórias, era um psicopata obcecado por vingança ou um cidadão pobre que buscava por justiça ao capturar e matar nobres que o defraudaram no passado, este é o caso do assassino mais famoso dos *penny dreadfuls*: Benjamin Barker, um barbeiro assassino que tinha sua barbearia na Rua Fleet, o centro editorial londrino.

Por último, os gostos foram mudando, assim como o público dos *penny dreadfuls* e personagens diferentes dos moldes clássicos da ficção de massa inglesa foram emergindo: os garotos detetives de *Boy Detective*, e jovens delinquentes de *The Poor Boys of London* surgiram para atender a clientela jovem, formado em sua maioria por rapazes dos internatos londrinos, os quais encontraram nos folhetos a oportunidade de fugir dos longos e desinteressantes livros didáticos e das literaturas obrigatórias e altamente sofisticadas impostas pelos tutores (FLANDERS, 2014, tradução nossa).

#### **4.4.1 Aspecto comparado**

Os personagens dos dois tipos de literatura apresentam diversas semelhanças, isto se deve ao fato de que ambas nasceram para ser amplificadoras da voz das massas oprimidas em sociedades díspares, mas que enfrentavam mazelas sociais muito parecidas, mazelas estas que fizeram surgir literaturas mais acessíveis a esse público marginalizado por uma infinidade de

motivos. Assim sendo, os heróis aparecem munidos de suas armas justiceiras – com seus atos questionáveis à tiracolo – carregando a identidade representativa do seu povo oprimido.

#### 4.5 TRANSPOSIÇÃO DE GÊNEROS E SUPORTES

O contato com a literatura popular propicia o desenvolvimento de novas obras de arte. Os folhetos de cordel brasileiros inspiraram escritores, músicos, compositores, cineastas, dentre outros artistas populares e eruditos (CURRAN, 2011, p. 19). A obra do escritor Ariano Suassuna foi fortemente influenciada; a peça teatral *Auto da Compadecida* tem marcas ostensivas de clássicos cordelinos desde os personagens até os acontecimentos da trama.

O personagem principal do *Auto da Compadecida* é João Grilo, o mais famoso dos anti-heróis tradicionais do cordel brasileiro graças à peça de Suassuna. *As proezas de João Grilo* é o folheto que inspirou a transposição deste personagem para a peça teatral e posteriormente para as telas de cinema, na premiada adaptação dirigida por Guel Arrais, uma comédia religiosa que resgata na literatura popular brasileira, tanto o enredo, como as personagens. Várias críticas são tecidas durante o filme às instituições como a Igreja, o casamento e à desigual sociedade brasileira. Tudo isso com um tom irônico característico dos anti-heróis do cordel.

Nota-se que Suassuna não pediu emprestadas cenas de outra peça de teatro, mas sim episódios narrados em verso nos romances populares. O episódio é transposto do verso para a prosa, e da narrativa indireta para a encenação direta. O “cavalo que defeca dinheiro” transforma-se num “gato que descome dinheiro”, a rabequinha mágica do romance popular é substituída na peça por uma gaita. O autor da peça apropria-se de episódios já existentes, mas não tem com eles a atitude reverente ou respeitosa de autores eruditos que recorrem às “fontes populares” (TAVARES, 2014, p.179).

Com o *penny dreadful* não foi diferente, eles influenciaram escritores tanto de literatura popular como de erudita, além de terem sido adaptados para o teatro, cinema e televisão da mesma forma que os folhetos de cordel. O barbeiro demoníaco de *The String of Pearls*, que começou a ser publicado em 1846, mesmo antes de chegar à sua conclusão, foi adaptado para o teatro e tinha por protagonista o barbeiro assassino que matou seus clientes para sua vizinha Lovett assá-los em tortas de carne (FLANDERS, 2014, tradução nossa). Em 2007, *The String of Pearls* foi adaptado para o cinema, num premiado musical dirigido por Tim Burton, intitulado *Sweeney Todd: o Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet*.

Mais tarde, já em 2014, estreou no canal americano *Showtime*, a aclamada série intitulada *Penny Dreadful*, que trouxe da literatura para as telas, personagens imortalizados nos contos e romances clássicos de horror, como o Frankenstein da londrina Mary Shelley; o polêmico Dorian Gray do influente escritor irlandês Oscar Wilde; o tenebroso Drácula de Bram Stoker e o mais antigo e temido de todos os vilões da história, o prepotente e bíblico Lúcifer.

O seriado criado por John Logan se converteu em uma espécie de “projeto Frankenstein”, pois o roteirista, de fato, costura as tramas de Victor Frankenstein, Dorian Gray, Drácula e outros elementos oriundos da tradição Gótica em um único texto. [...] à medida que deixa transparecer os rastros de sua obra de partida, revela também vestígios de outras obras que foram aproveitados para elaboração do texto em que ela própria se inspirou. (DAVINO, 2014, p. 71-72)

##### 4.5.1 Aspecto comparado

Para encerrar este aspecto, frisa-se que a literatura popular e a erudita estão intimamente conectadas, influenciando uma à outra, além disso elas também inspiram outras manifestações artísticas, como o teatro, a dança, a pintura, a escultura, o cinema e a televisão. Esses diferentes suportes possibilitam a comunicação e a perpetuação das tradições culturais, sendo assim, as bibliotecas, como instituições propagadoras de cultura precisam disponibilizar obras literárias de artistas populares, pois o acesso do público a este tipo de expressão artística proporcionará a

multiplicação dos saberes e a produção de novas expressões culturais e artísticas, uma vez que – como vimos nos capítulos anteriores – se pode abordar quaisquer assuntos nos moldes da literatura popular.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação histórica e cultural é fortemente presente na literatura popular, sendo assim, cordel e *penny dreadful*, que carregam consigo uma variedade de informações úteis para a pesquisa ao perpassarem múltiplos campos do saber científico, são vistos por alguns apenas como subprodutos da cultura de massa, em vez de serem apreciados como fontes de informação que retratam historicamente a tradição do povo através da realidade documentada, recriada e transposta para a ficção.

A Biblioteconomia é composta de técnicas que permitem que o trabalho do profissional desta área resulte em soluções sociais concretas para as questões-problema dos indivíduos que possuem determinada demanda por informação, em vista disso, o bibliotecário, da mesma forma que os suportes de baixo custo, é um facilitador que media o processo de investigação científica, além de proporcionar a recuperação eficaz de informações fidedignas que virão a suprir necessidades informacionais de diferentes tipos de público.

Quando se pensa em bibliotecas, deve-se priorizar a disseminação de variadas fontes de informação e focar no principal alvo: o usuário. Além disso, os bibliotecários, têm por compromisso viabilizar também o acesso a textos mais populares e que sejam compreendidos por todos os tipos de leitor.

Tendo em vista o que foi explanado nesta pesquisa, propõe-se aos pesquisadores interessados na temática, o desenvolvimento de estudos com maior grau de empirismo, como por exemplo: estudos de campo, em bibliotecas públicas que disponibilizem em seu acervo obras de literatura popular, ou entrevistas com leitores, pesquisadores ou bibliotecários que apreciem e trabalhem com esse tipo de documento.

É importante que bibliotecários reconheçam e entendam dessas manifestações literárias de origem popular, para que as bibliotecas se transformem em ambientes de fato inclusivos, em todos os sentidos que essa palavra pode englobar, pois conhecer a própria cultura também é um direito, a produção artística popular em suas mais variadas formas de expressão precisa ser estimulada e respeitada, devendo estar cada dia mais presente nos espaços destinados a promoção da cultura. Pesquisadores, leitores e artistas devem se sentir livres para encontrar tais obras nos acervos das bibliotecas de suas comunidades e a partir desses materiais, novas obras serão criadas e bem recebidas pelos bibliotecários para serem incorporadas ao acervo do qual derivaram.

## REFERÊNCIAS

BRAYNER, Cristian. **A biblioteca de Foucault: reflexões sobre ética, poder e informação**. São Paulo: É Realizações, 2018. (Biblioteca Humanidades).

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/ML9q55>. Acesso em 03 jun. 2020.

CAMPELLO, Bernadete. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASA NOVA, Vera Lúcia. Cordel e biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 7-13, mar. 1982. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000002896/df1a3b3b620604b525e6043ac98daefc>. Acesso em 01 jun. 2020.

CHARTIER, Roger. Leituras e leitores populares: a Bibliothèque bleue e a literatura de colportage. **Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p.104-119, jun. 2005. Trad. BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/480/292>. Acesso em: 01 jun. 2020.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. Fonte de Informação. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. p. 172-173.

CURRAN, Mark. A literatura de cordel: antes e agora. **Hispania**, Lubbock, v. 74, n. 3, p. 570-576, set. 1991. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/344184>. Acesso em 08 jun. 2020.

CURRAN, Mark. **Retrato do Brasil em Cordel**. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

DAVINO, Vanessa. Penny Dreadful: rastros de clássicos góticos em palimpsesto televisivo de horror. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, Salvador, v. 2, n. 4, p.69-78, ago. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/1406>. Acesso em: 17 jun. 2020.

FLANDERS, Judith. **The invention of murder**: how the Victorians revelled in death and detection and created modern crime. New York: St. Martin's Press, 2013.

FLANDERS, Judith. **Penny dreadfuls**. 2014. Disponível em: <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/penny-dreadfuls>. Acesso em: 30 abr. 2020.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo**: histórias na literatura de cordel (1900 - 1940). Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010. (Coleção Azul de Comunicação e Cultura, n. 6).

LE MOS, Antônio Agenor Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 101-120. (Coleção Ciência da Informação, v. 1).

SALLES, Karina dos Santos. **Penny Bloods**: o horror urbano na ficção de massa vitoriana. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: [www.encurtador.com.br/itw06](http://www.encurtador.com.br/itw06). Acesso em: 27 jun. 2020.

TAVARES, Braulio. Tradição popular e recriação no Auto da Compadecida. In: SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 177-183.

TERRA, Ruth. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1983 – 1930). São Paulo: Global, 1983.